

## **CULTURA E SENTIMENTO: A CIDADE COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA PARA A HISTÓRIA**

George Silva Nascimento

Mestrando

PPGH-UFPB

O conhecimento histórico não é algo produzido apenas por historiadores. E é impossível negar a existência, ainda presente, de relatos históricos construídos por ‘pesquisadores’ que não circulam pelo mundo acadêmico, tendo como objeto privilegiado a história de um determinado espaço urbano que possui, de certa forma, uma ligação direta – afetiva, simbólica, entre outras – com o sujeito da investigação. A relação resultante dessas circunstâncias, na maioria das vezes, produz caminhos opostos e tensos na medida em que cada qual busca a validação e verificação de seus estudos a partir de uma metodologia própria a cada discurso em questão. Em 1957, Horácio de Almeida, um intelectual e pesquisador paraibano, publica *Brejo de Areia: memórias de um município*, no qual relata a história desta cidade paraibana desde as primeiras ocupações do espaço, passando pelo crescimento urbano e suas ascensão e decadência econômicas. Portanto, pretendemos neste trabalho discutir a ‘operação historiográfica’ produzida pelo autor na construção de seu discurso, bem como os mecanismos de constituição da representação do espaço/objeto da pesquisa e assim refletir sobre o conhecimento histórico como fruto de uma Cultura Histórica e não de apenas um saber histórico acadêmico.

Antes de evidenciarmos os resultados obtidos através de uma pesquisa, pretendemos demonstrar, no momento, os encaminhamentos metodológicos das intenções de um projeto que foi apresentado como proposta de pesquisa ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPB à Seleção do Mestrado no ano de 2008 sob o título: *Cidades em ruínas: tempos e espaços produzidos pela escrita da história de Horácio de Almeida e Sabiniano Maia*. Aprovado para a linha de pesquisa em História Regional, na área de concentração em Cultura Histórica, o projeto pretende, através de um estudo comparativo de duas obras – *Brejo de Areia: memórias de um município*, de Horácio de Almeida e *Itabaiana, sua história – suas*

*memórias (1500-1975)*, de Sabiniano Maia <sup>1</sup> – analisar o tempo e o espaço produzidos pela escrita historiográfica destes dois autores. Para tanto, buscaremos compreender a ‘operação historiográfica’ dos dois historiadores, os mecanismos de construção e constituição do discurso histórico, o lugar de produção, as influências tanto intelectuais como sociais que contribuíram para a edificação destes dois textos. Como também iremos de encontro, através de periódicos científicos e jornais da época em que cada livro foi lançado, perceber a recepção e a validação que estes discursos tiveram como produtos de uma elaboração historiográfica dentro do cenário intelectual/científico paraibano. Procuraremos assim, através do próprio discurso histórico como fonte, como testemunho para a percepção da representação histórica diante desta operação comparativa ir de encontro às identificações e as divergências eletivas e cognitivas – se existentes – de cada um dos textos, além disso, distinguir os espaços elaborados por estes escritos e deste modo compreender, sem desassociar a idéia de tempo da idéia de espaço, as temporalidades presentes em cada relato.

Durante a minha graduação em história, mais especificamente quando se discutiam alguns acontecimentos concernentes à história paraibana, algo me incomodava bastante: a freqüente desvalorização da produção historiográfica paraibana, elaborada até o início da década de 1990, – em sua maioria fora das Universidades e tendo em alguns títulos a chancela de ‘clássicos’ – chamada tantas vezes de tradicional, factualista e positivista. Ora, DIAS (1996) num conhecido estudo sobre a produção historiográfica paraibana do início do século XX, se contrapõe, à atitude de “ignorar os clássicos”, conhecê-los (DIAS, 1996:17).

Diante das circunstâncias mencionadas anteriormente e da inquietude que elas provocavam, procurei, por iniciativa própria, selecionar no acervo da biblioteca da Universidade onde concluí minha graduação diversos livros que versassem sobre a história da Paraíba e de seus municípios, tendo observado assim que muito da produção historiográfica encontrada não correspondia a algo produzido dentro das Universidades. Deparei-me com diversas histórias de municípios paraibanos, principalmente, escritas por, digamos, eruditos – juristas, médicos e políticos, entre outros – que buscaram escrever as histórias de suas cidades natais e que acabaram tornando-se livros muito conhecidos dentro da sociedade paraibana.

Entre esta seleção, duas obras, em especial, tomaram-me de uma forma peculiar, tanto por falarem de dois espaços, de duas cidades com uma história significativa dentro de nosso Estado, como pela qualidade da escrita dos mesmos. Falo aqui de *Brejo de Areia*:

---

<sup>1</sup> Embora nesta comunicação preferimos nos ater apenas ao texto de Horácio de Almeida. Portanto sempre que o texto de Horácio de Almeida for mencionado, deve-se subtender que as mesmas inquietações e os mesmos passos metodológicos serão tomados no que diz respeito ao texto de Sabiniano Maia.

*memórias de um município*, de Horácio de Almeida e *Itabaiana, sua história – suas memórias (1500-1975)*, de Sabiniano Maia, publicados em 1957 e 1976 respectivamente <sup>2</sup>.

Horácio de Almeida, nascido em 1896, na cidade de Areia, filho de senhor de engenho, tendo estudado no Liceu Paraibano, ingressou na Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se em 1930. Foi uma figura importante dentro do cenário jurídico e social da Paraíba; colaborou em diversos jornais locais, como também escreveu uma obra ampla sobre a história deste estado, como por exemplo: *História da Paraíba* (1966) e *Brejo de Areia* (1957) <sup>3</sup>, no qual busca uma monumentalização da história deste município, esforçando-se em descrever a sua história desde a ocupação inicial do espaço, passando pelo apogeu e decadência econômicos do município, sem deixar de lado, sempre que possível um indisfarçável sentimento de perda. Um relato melancólico, sem dúvida alguma.

Este autor, sócio do IHGP, acabou – oficializado por este lugar de saber e pelo que escreveu – consagrado como um dos grandes historiadores paraibanos, embora nunca tenha participado do círculo acadêmico local. Por isso pretendemos aqui conhecer a obra em específico no intuito de construirmos as nossas reflexões a cerca dos mecanismos de representação histórica sobre os espaços utilizados na escrita do autor em questão, bem como a recepção desta obra como uma verdade histórica sobre o espaço ao qual ela se refere.

Porém é preciso não esquecer que “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural” (CERTEAU, 1982:66) e que só tomando esta perspectiva é que poderemos vir a compreender os propósitos a que se destinava a escrita historiográfica do autor em discussão e que preliminarmente evidenciamos como a representação de uma verdade histórica sobre um espaço, aqui no caso, uma cidade: Areia.

Acreditamos assim que o nosso estudo vem numa perspectiva de contribuição à historiografia paraibana no que diz respeito ao estudo das representações históricas sobre as cidades, de compreender a relação mútua da construção discursiva de “um objeto ausente” através de “uma imagem presente” (CHARTIER, 2002:74) de um espaço que pretendemos buscar através deste texto, enfim, fazer indagações do tipo como: de que forma o autor entende as construções temporais quando identifica o passado como algo feito de “tradições gloriosas” (ALMEIDA, 1980: XI)? Há uma distinção entre as noções de tempo e de espaço no discurso? Existiu uma intenção, na elaboração do texto em prender-se a um tempo e pretender que o retorno do mesmo convertesse a realidade, a tornasse mais fácil de viver, mas que na

---

<sup>2</sup> Como foi mencionado anteriormente, mais uma vez deixaremos claro de que a nossa atenção, nesta comunicação, estará voltada apenas para o texto de Horácio de Almeida.

<sup>3</sup> Informação retirada do sítio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Available from Word Wide Web <<http://www.ihgp.net/memorial8.htm#CADEIRA%20Nº.%2042>> Acesso em: 20 de janeiro de 2008.

verdade esta realidade se apresenta como um presente de ‘ruínas’, difícil de admitir e por isso produzir uma história/lembrança destes espaços? Eis aqui alguns propósitos que o nosso trabalho pretende compreender.

Tendo como espaço do discurso a ser estudado a cidade, esta, como objeto de estudos históricos, tem se apresentado nos últimos anos como um campo vasto de possibilidades e fértil de resultados. Por ser um espaço de constante interação e intervenção humana é “[...] fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens [...]” (ROLNIK, 1995:7-8), é produtor e produto da memória que pulsa em todas suas frestas.

Contudo, antes mesmo de ser um objeto de pesquisas históricas – aliás, algo bem recente no que diz respeito ao Brasil, sobretudo porque apenas a partir da década de 1980 a cidade ganha uma área exclusiva e torna-se um campo de pesquisas propriamente dito – a cidade é o objeto da observação dos homens, mais precisamente “uma referência estética” (BRESCIANNI, 1998:238) a escritores, poetas, romancistas que observavam na sua materialidade todo um potente material discursivo. Como as ruas foram traçadas, as formas de seus prédios, a intensidade do fluxo de coisas e pessoas, o maravilhoso e o estranho, como também o obscuro e o feio, a violência e todos os problemas inerentes a este espaço foram observados por esses ‘homens de letras’ (BRESCIANNI, 1998:238-242).

Objeto de múltiplas faces e abordagens, a cidade brande a sua história através de todos os elementos – visíveis ou não – que a constituem. A sua materialidade, o seu espaço, nos tem muito a dizer, basta apenas um exercício cognitivo do olhar para percebermos que

[...] O próprio espaço urbano se encarrega de contar parte de sua história. A arquitetura, esta natureza fabricada, na perenidade de seus materiais tem esse dom de durar, permanecer, legar ao tempo os vestígios de sua existência. Por isso, além de continente das experiências humanas, a cidade é também um registro, uma escrita, materialização da sua própria história (ROLNIK, 1995:9).

Porém não creditemos apenas à cidade como “escrita” a idéia do registro gráfico, dos sinais representados pela grafia, pois os símbolos estão por toda parte, nas ruas, nos prédios, na memória e no corpo de todos aqueles que vivem a experiência da cidade, que a habitam e que por isso dão forma e existência a este espaço.

Portanto, qualquer cidade, qualquer espaço possui a sua historicidade, porém segundo Almeida (1980:1) “há cidades que não têm história, cidades humildes, onde nada

acontece digno de menção. Nascem e vivem como indivíduos que apenas aspiram a um lugar ao sol.” Outras vivem de ruínas, que para ele não surgem como pistas, indícios de uma desterritorialização, mas como lembranças de um tempo glorioso e fausto: “Outras [cidades] há que tiveram fastígio e depois agonizam. A este grupo pertence Areia, ao grupo das cidades que se exauriram num passado de lutas e glórias, sem mais força no presente para deixar tradição ao futuro” (ALMEIDA, 1980:1).

Este componente da escrita de Horácio de não foi característico apenas dos historiadores durante boa parte do século XX, mas também de romancistas, sociólogos, poetas, pintores entre outros que a partir da década de 1920 do século passado passaram a forjar através de seus discursos a imagem, não natural, de um espaço que viria a se chamar Nordeste, fundado através de uma ‘geografia em ruínas’(ALBUQUERQUE JR., 2001:39;48) na qual se vivia um momento de aflição que diante de circunstâncias como a decadência da região como centro político e econômico do país restava montar uma verdade que a desse sentido como um corpo vivo e natural para poder sobreviver às vicissitudes, dentro do cenário do poder nacional.

Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2001:22), no livro *A invenção do Nordeste e outras artes*, considera o que chamamos de Nordeste (todas aquelas imagens e discursos que representam um lugar singular no país que sempre existiu, no qual a seca, a fome e a miséria são seus únicos problemas, como se este lugar fosse dono de apenas uma verdade) uma invenção. Este Nordeste é “*um objeto de saber*” e “*espaço de poder*” gestado historicamente a partir de “*imagens e enunciados*”, de práticas discursivas e não discursivas construídas especificamente, num determinado tempo e sob determinadas condições históricas para este intuito: o de criar uma verdade homogênea e ímpar para este espaço.

Desta forma, o autor e a sua obra que tomaremos neste estudo também pode também ser percebido como um agente formador deste espaço quando ao construir a história de um município – Areia – ter participado como também se utilizado – guardando-se as suas temporalidades e as devidas proporções – desta aura intelectual e dos mecanismos de saber para a construção deste espaço.

Em recente texto publicado pela Professora Rosa Maria Godoy Silveira, no qual busca compreender “como trabalhar as representações (Historiografia) sobre as territorialidades regionais (objeto de estudo) em suas relações com a Cultura Histórica (continente do objeto, enquanto História-processo)” (SILVEIRA, 2007:33), a autora evidencia e distingue “três constelações conceituais” que perpassam e se imbricam dentro desta abordagem, que são respectivamente: representações, territorialidades e Cultura Histórica. Ao

buscar um eixo norteador que nele possam se relacionar e se encontrar essas três dimensões conceituais, a autora destaca que:

Compreendida como o conjunto da produção e reprodução da existência humana, a Cultura se insere, pois, em duas dimensões sem as quais não se realiza: o tempo e o espaço. E não se realiza, obviamente, sem um agente: o Homem, em sociedade, cuja capacidade de ideação reflexiva (e não reflexiva) possibilita a mediação com a natureza, produzindo a segunda natureza (Marx) ou a natureza culturalizada que, por sua vez, produz o Homem. [...] a Cultura Histórica, guarda duplo sentido: um, genérico, enquanto produção pela História-processo; outro, mais específico, como História-conhecimento, melhor nomeada, talvez, de Cultura Historiográfica. Portanto, toda Cultura Histórica contém uma Cultura Historiográfica, esta última entendida como o conjunto das representações formuladas sobre as experiências vividas pelas sociedades, os grupos sociais, as pessoas, em uma perspectiva de temporalidade (SILVEIRA, 2007:42).

Com isso, tentaremos perceber o texto em discussão como parte dessa Cultura Historiográfica paraibana, qual a “perspectiva de temporalidade” abordada pelo autor e as representações dadas às noções de tempo e espaço no seu texto.

Portanto para perceber esse espaço e a idéia de tempo na escrita analisada é preciso primeiro perceber o lugar de produção deste discurso, o lugar onde ele circula, a sua recepção e o seu poder de persuasão, ou seja, a sua força de verdade, de se impor como verdade histórica, como discurso sobre e deste espaço.

Contudo pretendemos no nosso trabalho abranger a idéia de ‘lugar social’ do historiador diante de sua pesquisa historiográfica exposta por Certeau (1982), até porque o autor tratado neste estudo foi tomado por diversas circunstâncias que o faz não responder apenas de um único ‘lugar de produção’ (CERTEAU, 1982:66) historiográfica, pelo motivo de que o autor em questão não era historiador de formação e sim erudito, diletante, digamos.

Como nossa pesquisa diz respeito ao estudo das representações históricas sobre uma cidade paraibana, encaramos aqui a representação como

[...] parte constituinte da realidade, podendo assumir uma força maior para a existência que o real concreto. A representação guia o mundo através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas. Estaríamos, pois, imersos num “mundo que se parece”, mais real, por vezes, que a própria realidade e que se constitui numa abordagem extremamente atual, particularmente se dirigida ao objeto “cidade” (PESAVENTO, 2002:9).

Embora Pesavento (2002) tenha como fonte de seu estudo diversos escritos literários e busque construir uma história do imaginário das cidades, portanto o imaginário como objeto

histórico, podendo ser diametralmente oposto ao que tencionamos aqui, isto não escapa aos textos que nos propomos em analisar porque o muito de memória que se transfigura em suas linhas também perpassa por relatos pessoais dos autores, impressões próprias dos mesmos sobre os lugares os quais descrevem em suas histórias.

Como a nossa pesquisa desenvolve-se numa área de concentração – Cultura Histórica – na qual o conceito é extremamente vasto “circular e redundante em sua substantivação e em sua adjetivação” (SILVEIRA, 2007:42), buscamos nos ater as sugestões dadas pela Professora Rosa Maria Godoy Silveira ao recortar, dentre diversos outros enfoques, “o nosso entendimento sobre Cultura Histórica em suas relações com as territorialidades e representações e o que deve ser considerado em tais relações” (SILVEIRA, 2007:42), para lançarmos o olhar sobre este espaço – a cidade de Areia<sup>4</sup> – não apenas físicos, mas também espaço de memória sem tentar opor a idéia de espaço à idéia de tempo, rompendo, segundo o geógrafo Rogério Haesbaert:

[...] as dicotomias com que as relações espaço-temporais têm sido vista: o espaço configurado como estático, imóvel, dotado de materialidade, lócus da conservação e dos objetos fixos, do tempo presente; o *tempo* como dinâmico e móvel, caracterizado pela mutação, ações e fluxos, lócus de imaterialidade abstrata, de temporalidades passadas” (SILVEIRA, 2007:41).

Para tanto buscaremos perceber através do suporte teórico de Certeau (1982), Foucault (2007) e Veyne (1987) – entre outros – os mecanismos construtivos do discurso histórico de cada autor como também os sentidos conferidos aos espaços (SCHAMA, 1996) em cada texto.

Não encontramos na historiografia paraibana ainda algum trabalho com esta proposta, por isso o nosso diferencial se apresenta porque não nos atribuímos aqui de discursos literários, urbanísticos, de imagens visuais ou de qualquer outro tipo de documentação para a construção de um discurso histórico sobre um espaço, mas sim do próprio discurso histórico como fonte, como testemunho para a percepção da representação histórica sobre um determinado espaço, portanto

[...] mesmo admitindo que a representação não atinge ou revela uma verdade única e absoluta e que constrói algo de análogo e semelhante ao que efetivamente ocorreu um dia, o historiador não se vê livre do fantasma da verdade buscada nem das sujeições do método científico (PESAVENTO, 2002:11).

---

<sup>4</sup> Ressaltar aqui que no projeto original outra cidade paraibana – Itabaiana – também é evidenciada por virtude de ser o objeto no discurso de Sabiniano Maia, no caso o outro autor que decidimos abordar, mas que não se configura nesta nossa demonstração.

Conseqüentemente, Não é nossa intenção buscar um espaço e um tempo reais em si mesmos, em sua materialidade, mas buscar espaços e tempos construídos discursivamente, embora se refiram a espaços e tempos pré-existentes.

Com isso pretendemos num primeiro momento de nossa pesquisa procuraremos fazer um levantamento e identificação da historiografia produzida em relação à escrita da história, à prática historiográfica e aos mecanismos de construção e constituição do discurso histórico – e que mais se identifiquem com o nosso objeto em discussão em virtude desta historiografia ser um tanto extensa e impossível de abordagem como um todo num trabalho desta dimensão – para conjuntamente com a leitura crítica e interpretativa da obra em questão percebermos a ‘operação historiográfica’ utilizada pelo autor.

Em seguida faremos um levantamento no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) como também no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) da UFPB, no intuito de encontramos algumas publicações sejam de periódicos ou em artigos de jornais – se existentes – que tomem em suas discussões o texto que aqui tratamos a fim de percebermos a aceitação e validação deste discurso histórico como dono de uma verdade em relação ao espaço tomado e construído pelo mesmo, enfim a recepção do texto pelos seus congêneres.

Por conseguinte, após a confluência cognitiva dos dois momentos anteriores, buscaremos perceber os mecanismos discursivos utilizados para a construção das representações histórico-espaciais que o autor se utilizou no texto como forma de abordagem do passado; distinguir os momentos da escrita, ou seja, o tempo em que foi produzida e o tempo que ela produz ,ou seja, os tempos na escrita e os tempos da escrita.

Buscar assim as noções de tempo e de espaço de cada texto, os seus momentos de encontros e desencontros, as afinidades eletivas, as escolhas dos marcos temporais de cada discurso, as aproximações e as discordâncias. Enfim, utilizar o discurso histórico como uma das possibilidades de se estabelecer uma comunicação com o passado, tendo a plena convicção de que construiremos, a partir da compreensão destes aspectos, uma nova representação sobre nosso objeto, um novo tempo, tanto em relação ao que buscamos retratar quanto ao que nos inquieta buscar, como também um novo espaço descrito e sendo assim uma nova temporalidade.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2ª ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, Horácio de. *Brejo de Areia: Memórias de um Município*. 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1980.

BRESCIANNI, Maria Stella M. *História e Historiografia das Cidades, um percurso*. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universitária/UFRGS, 2002.

DIAS, Margarida Maria Santos. *Intrepida ab origine: O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local – 1905-1930*. João Pessoa: Almeida, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MAIA, Sabiniano. *Itabaiana: sua história – suas memórias (1500-1975)*. João Pessoa: A União, 1976.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, 2002.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos, vol. 203).

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *A Cultura Histórica em representações sobre territorialidades*. In: Saeculum – Revista de História, ano 13, n. 16; João Pessoa: Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jan./jun. 2007.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 1987.